

## **Internacionalistas, sempre e por toda parte!**

### **Contra o estado burguês, sempre e por toda parte!**

A situação criada na França pelos atentados iniciados em 7 de janeiro de 2015 com a matança no Charlie-Hebdo deveria provocar uma resposta unificada da parte de todos os grupos e indivíduos que reivindicam a esquerda comunista e internacionalista. Ainda é necessária uma análise clara dos acontecimentos e de seu contexto subjacente, o que está longe de ser uma tarefa simples.

Com efeito, o campo proletário deve desmontar várias armadilhas muito perigosas que poderiam criar tomadas de posição formuladas a partir de um mau conhecimento da questão.

#### ***Acontecimentos inevitáveis***

Em uma sociedade fundada sobre o antagonismo das classes e, além disso, numa situação em que as crises econômicas e o declínio relativo do capitalismo francês no mercado mundial aumentam a miséria de uma parte da população e ameaçam a paz social, é inevitável que se produzam explosões de ódio e de loucuras mortíferas, sobre as quais de nada serve deplorar ou condenar. Elas são, assim como suas vítimas, tão inevitáveis quanto as mortes durante tempestades, inundações ou terremotos. Do mesmo modo que a tectônica das placas terrestres desencadeia uma acumulação de energia que é brutalmente liberada em determinados momentos de ruptura, provocando cegamente terremotos e maremotos, a sociedade burguesa acumula na surdina tensões sociais das quais acabamos de ver uma de suas manifestações.

A burguesia francesa, incapaz de dominar o desenvolvimento das forças produtivas e de colocar um fim na separação da sociedade em classes antagônicas com interesses irreconciliáveis, conduzindo e prosseguindo sua política imperialista em diversos teatros de operações, confrontada com um declínio relativo de sua posição na escala das nações, permitiu, como outras sociedades europeias, que se desenvolvesse no interior da sociedade uma revolta radical geralmente entre os jovens que estão livres de obrigações, aqueles que mais sentem os efeitos desta situação. Isso nada tem a ver com a situação que caracterizou a ação dos grupos armados dos anos 1980: RAF (Fração do Exército Vermelho), Brigadas Vermelhas, Ação Direta, etc., cuja ideologia política era um “marxismo” degenerado e bastardo. Esses grupos emergiram do movimento social proletário dos anos 1960 e 1970, do qual representavam uma excrescência pequeno-burguesa incapaz de confrontar de modo eficaz o Estado burguês, sendo portadores de um projeto político simultaneamente utópico e reacionário (uma democracia popular), tal como propõe o socialismo pequeno-burguês.

Nada disso aqui. Estamos diante de indivíduos ou grupos radicalizados que constituem uma camada não insignificante (na verdade de vários milhares na França e, certamente, na escala europeia), saídos das bordas de um proletariado imigrante e de sua descendência, mas cuja contracultura e anti-sociedade que desenvolveram em certos bairros populares arrasta atrás deles, de maneira significativa (em torno de ¼ dos recrutados), outros jovens proletários que ainda não tinham vivido numa atmosfera de cultura muçulmana.<sup>1</sup> O solo

---

<sup>1</sup> Mas o fenômeno da adesão pode ser mais complexo do que a da simples proximidade (quando esta não é mais do que a da prisão), da miséria e da falência escolar. A revolta que toma conta dos jovens, as injustiças que eles descobrem, a necessidade de uma comunidade e de uma ação de tipo humanitário, a informação acessível na Internet, a existência de um polo radical de contestação, facilitam suas adesões. O conhecimento e o uso das novas tecnologias, as posturas adotadas, as intenções e as encenações que

fértil é formado por uma mistura de desemprego endêmico, de miséria econômica contrabalançada pelo recurso à delinquência e aos tráficos, de rejeição racista, de falência do ensino, da ferocidade policial e de um desprezo de classe sofrido permanentemente.

Esse banimento da sociedade leva uma parcela de indivíduos à procura de uma identidade específica<sup>2</sup>, que se opõe aos vários traços do caráter nacional dominante: assimilacionismo, igualitarismo, laicismo duvidoso... Some-se a isso, em particular, o desenraizamento cultural que atinge os homens confrontados a uma perda de posição que se torna tanto maior quanto, paralelamente, mais o patriarcado tradicional da sociedade francesa se desagrega ou mesmo desmorona.

Por essa razão, na falta de grandes lutas das classes, da ausência de um partido proletário independente e oposto aos outros partidos e a atração “natural” que poderia representar tal partido em luta contra a burguesia e seu Estado para a conquista do poder político, esses indivíduos escolhem meter-se nas dobras da bandeira verde do Islã, dado que a bandeira vermelha está desacreditada e maculada pela contrarrevolução social-democrata e estalinista, assim como pelas diversas experiências que se dizem “socialistas”. Eles extraem daí uma ideologia política que lhes permite pegar em armas contra um inimigo fantasmático, figura fantasmagórica do imperialismo do “ocidente” reduzido aos “infiéis” que devem ser convertidos por bem ou por mal. Conseqüentemente, englobam no seu ódio a maior parte desse mesmo proletariado ocidental do qual eles próprios muitas vezes emergiram através da sedimentação de camadas sucessivas constituídas ao longo das diversas vagas de imigração.

Seus combates nada têm a ver com o fascismo ou com a extrema-direita. Enquanto as palavras tiverem um sentido, deve-se reservar o qualificativo de “fascistas” às forças, por um lado supletivas do regime democrático, que depois reivindicam um Estado corporativista; forças que afastam do poder político uma burguesia (neste sentido trata-se de uma forma de bonapartismo) amedrontada pela sua vitória contra o proletariado, impedindo-a de ter qualquer representação política que não seja a do partido único, ao mesmo tempo em que lhe assegura a continuidade de seus negócios, bem como a domesticação do proletariado e das classes médias, elas próprias também privadas de expressão política; forças que pilham o socialismo para melhor esmagá-lo. Contrarrevolução ao mesmo tempo póstuma (é a república democrática que venceu o proletariado) e preventiva, para combater e derrotar a ameaça da revolução proletária mesmo que já tenha sido aniquilada, o fascismo continua despoticamente a obra da burguesia, a busca da constituição do Estado nação e de suas ambições imperialistas. Foi assim que funcionaram as formas clássicas do fascismo na Itália e na Alemanha a partir da contrarrevolução dos anos 1920, em uma configuração histórica cujos contornos estritos não são mais repetíveis hoje.

Todo movimento violento ou odioso, nacionalista, xenófobo ou antissemita, não é forçosamente “fascista” ou assimilado à extrema-direita, a qual pode representar, por exemplo, uma direita nacional “clássica”. O projeto de uma república islâmica homogênea é estritamente reacionário no quadro do capitalismo ocidental moderno e, evidentemente, deve ser combatido pelo proletariado; a república democrática é o último campo de batalha

---

mostram um grande domínio da imagem e dos símbolos, revelam que eles são verdadeiramente filhos da sociedade moderna, para além dos traços arcaicos e obscurantistas das ideologias sobre as quais se apoiam.

<sup>2</sup> “Mais de um imigrante e de um descendente de imigrante sobre dois declaram que “eles não são vistos como franceses”.” Gérard Bouvier, “Os descendentes de imigrantes mais numerosos do que os imigrantes: uma posição francesa original na Europa”, INSEE 2012 (em francês).

entre o proletariado e a burguesia. As bases materiais de tal projeto, se retirarmos os fantasmas racistas que veem nas evoluções demográficas da Europa e as conversões ao Islã o equivalente de uma quinta coluna, estão fundamentalmente ausentes e conseqüentemente somente resultam em uma forma absurda, xenófoba, antijudaica, racista, teísta, terrorista, e em uma revolta social se não se transformarem em ato de guerra contra o imperialismo francês.<sup>3</sup>

Com efeito, não se trata mais de desesperados isolados, pois eles se situam numa lógica de rede, ligados aos movimentos que operam no Oriente Próximo ou no Médio, e seu número (vários milhares na Europa) testemunha a importância do fenômeno. Para reencontrar tal nível de engajamento (incluindo-se aí os combatentes que vêm de países onde a religião dominante é o Islã), é preciso retornar à guerra da Espanha e as brigadas internacionais. Ao mesmo tempo, torna-se difícil caracterizar essa corrente nas categorias políticas clássicas. Se a república islâmica apresenta-se como uma utopia reacionária na França, em contrapartida ela pode ser um quadro adequado para o desenvolvimento do modo de produção capitalista (por exemplo, no Irã<sup>4</sup>) e a feroz exploração do proletariado que o acompanha. Além disso, os combates do Estado islâmico efetuam-se em contextos similares, uma banda armada que federa os interesses sunitas afastados do poder pela queda de Sadam Hussein e cuja ação terrorista bárbara se dá na base da “purificação étnica”, procedimento julgado como normalmente aceitável pela burguesia ocidental, particularmente na Jugoslávia<sup>5</sup>, e que coloca em xeque as fronteiras traçadas pelos imperialismos francês e britânico. Nesses terrenos, arriscando a própria vida, um grande número desses soldados perdidos se bate por aqueles a quem a realidade dessas lutas não abriu os olhos e permitiu escapar pela fuga e depois retornar à Europa carregados de doutrinação sectária.

Contrariamente ao discurso que deseja que os povos do Oriente Médio não estejam aptos para uma república democrática<sup>6</sup>, justificando assim uma política imperialista esclarecida e de defesa das autocracias estabelecidas, o proletariado deve fazer a conquista dela.

Trata-se, portanto, de uma corrente que pode ancorar-se por muito tempo na paisagem social e política, marcando igualmente sob uma forma alienada um desenvolvimento da luta entre as classes, mas cujas ações podem, de um lado, levar a uma radicalização dos antagonismos raciais e religiosos que percorrem a sociedade francesa (e europeia), e, de outro, envenenar o antagonismo entre as frações do proletariado, antagonismo atizado pelos ideólogos burgueses, seja através da negação da realidade, seja espalhando

---

<sup>3</sup> Hoje inimigos (mas não de todos), amanhã amigos. Não se deve esquecer que um Bin Laden, por exemplo, foi inicialmente sustentado, formado, armado pela burguesia norte-americana como combatente da liberdade contra o imperialismo soviético no Afeganistão.

<sup>4</sup> Se bem que ela seja igualmente uma forma da contrarrevolução iraniana e também um produto da contrarrevolução proletária na escala internacional, a dos anos 1920 que viu o proletariado desaparecer como classe politicamente autônoma.

<sup>5</sup> Mas esse foi também o caso, por exemplo, do que se seguiu ao conflito entre a Grécia e a Turquia. Em 1923, mais de um milhão de gregos da Turquia (dos quais muitos morreram no caminho, sabendo que de 1916 a 1923, várias centenas de milhares foram executados, enforcados e exterminados pelo trabalho obrigatório, a fome e as marchas forçadas), e mais de 300.000 turcos da Grécia foram deportados. Também foi o caso das deportações de alemães, especialmente da Polônia e da Tchecoslováquia, após a segunda guerra mundial (ou seja, para o conjunto da Europa entre 12 e 16 milhões de alemães expulsos enquanto que 1,5 milhões de poloneses foram expulsos dos territórios conquistados pela URSS).

<sup>6</sup> Por exemplo: “É inútil pretender aplicar ao mundo do Levante os princípios liberais e democráticos com os quais o Ocidente pode acomodar-se.” (Charles de Gaulle)

“É verdade que para agir devemos adotar o pior sistema nesse país [o Levante – NDR], a saber: incitar as pessoas a se erguerem por elas mesmas, com o risco de encorajá-las, embora jamais nada tenha sido realizado aqui, nem os canais do Nilo, nem o aqueduto de Palmira, nem uma rota romana, nem um olival, sem a coação.” (Charles de Gaulle)

preconceitos racistas. A burguesia lucrará com isso para retocar seu arsenal repressivo, tanto do ponto de vista jurídico como militar, para arrastar o proletariado sob a bandeira democrática e servir a seus interesses imperialistas. Será um erro fatal refugiar-se na união nacional com as diferentes frações da burguesia.

*Primeira armadilha:* ficar paralisado entre a deploração da violência e a vassalagem à “proteção” do Estado burguês. Ver nesses fenômenos apenas fatores religiosos independentes da luta das classes.

### ***A crítica da religião***

Imaginar que exista uma essência do Islã, independente dos modos de produção, das classes sociais, dos interesses nacionais, em suma de toda base material, é certamente uma concepção idealista. Assim como o estalinismo não está a priori contido em Marx, o “jihadismo” não está a priori contido no Corão. Para se afirmar diante do Ocidente, no quadro dos movimentos de emancipação burgueses frente aos diferentes imperialismos, tornou-se necessário para as classes portadoras dessa perspectiva forjar uma ideologia capaz de ser uma alternativa de combate à ideologia democrática das potências imperialistas. Durante um tempo, o socialismo na sua forma degenerada desempenhou esse papel com o terceiro-mundismo. Assim que ele faliu, era ao mesmo tempo cômodo e necessário encontrar os elementos adequados em uma das múltiplas e abundantes interpretações do Islã (deste ponto de vista o Islã tem características que favorecem particularmente esta empreitada ideológica). Tratava-se de construir uma ideologia político-religiosa capaz de fornecer um modelo de Estado, um conjunto de leis, uma teoria não democrática, uma comunidade (a comunidade dos crentes) capaz de transcender as fronteiras, embora os grupos que a carregam não ultrapassam o quadro do Estado-nação (mesmo que este ainda falte constituir-se e não corresponda necessariamente às fronteiras atuais). Ou seja, construir uma ideologia nacional revolucionária capaz de emancipar a nação da dominação imperialista e permitir a dominação e a criação de uma burguesia nacional. Esse tipo de ideologia permitiu e permite esmagar, como em todo o curso das revoluções burguesas, em todas as latitudes, expressões autônomas do proletariado que se manifestam no seu transcorrer (exemplo do Irã). Consequentemente, é indispensável compreender aí o conteúdo de classe sob o manto religioso<sup>7</sup>.

Na Europa e na França, o Islã radical, uma ideologia política, encontra no Islã os elementos de uma contracultura (vestuário, alimentos, festas, rituais religiosos, lugares de cultos, língua), de uma forma de resistência às evoluções da sociedade burguesa moderna. Por

---

<sup>7</sup> Religiões que atravessaram os séculos e os modos de produção não abrigam sempre e em todos os lugares os mesmos interesses. Elas se adaptam às novas circunstâncias arrastando na sua passagem cismas e evoluções doutrinárias. Por exemplo, o cristianismo primitivo era “o movimento dos oprimidos; ele apareceu inicialmente como a religião dos escravos e dos libertos, dos pobres e dos homens privados de direitos, dos povos subjugados ou dispersados por Roma.” (Engels, Contribuição à história do cristianismo primitivo). Mais tarde, “a oposição revolucionária contra a feudalidade prosseguiu durante toda a Idade Média. Ela apareceu, segundo as circunstâncias, tanto sob a forma mística como sob a forma de heresia aberta, sob a forma de insurreição armada.” (Engels, A guerra dos camponeses na Alemanha). Depois, “o dogma calvinista convinha particularmente bem aos elementos mais arrojados da burguesia da época.” (Engels, Socialismo utópico e socialismo científico). Quanto ao Islã das origens, “é uma religião feita sob medida para os Orientais, mais precisamente Árabes, isto é, de um lado, cidadãos que praticam o comércio e a indústria; de outro lado, Beduínos nômades. Mas lá há o germe de uma colisão periódica. Os cidadãos, tornados opulentos e faustos, relaxam a observância da “Lei”. Os Beduínos pobres e, por causa de sua pobreza e de seus costumes severos, olham com inveja e cobiça essas riquezas e prazeres. Eles se unem sob a direção de um profeta, um Madhi, para chicotear os infieis, para restabelecer a lei cerimonial e a verdadeira crença, e para se apropriar dos tesouros dos infieis como recompensa.” (Engels, Contribuição à história do cristianismo primitivo)

exemplo, à tendência de negar as diferenças entre os sexos, opõe-se o ressurgimento de um machismo transmitido pelas tradições patriarcais e de uma estrutura de parentesco oriundas de certas regiões onde a religião dominante é o Islã. Essa tradição de dominação masculina é minada pelas evoluções da sociedade burguesa<sup>8</sup>, pelo sucesso relativo (escolaridade, emprego) das irmãs com relação aos irmãos<sup>9</sup>, etc.

Assim, uma minoria – entretanto maior do que a ponta emersa que representa o Islã político – tende a constituir de fato uma população alógena como reação ao destino que lhe é imposto. Essa perspectiva que choca o sentimento nacional francês (compreendendo aí os muçulmanos assimilados ou provenientes da cultura muçulmana), é ressentida como uma provocação e alimenta os preconceitos racistas de certas frações da burguesia<sup>10</sup>.

Que essa ideologia política provenha mais de um folclore guerreiro e de uma contracultura do que de um engajamento teológico estruturado e fanático, ela não deve levar o proletariado a aceitar a ideia de que haja uma “boa” faceta da religião e de se refugiar no colo de uma igreja oficial e “responsável”, qualquer que seja.

Desde quando a burguesia tornou-se classe dominante – e após ter desempenhado na sua fase revolucionária um papel essencial na crítica da religião e da Igreja – ela rapidamente compreendeu que a religião é uma arma de primeira escolha para submeter o proletariado à sua dominação. Os revolucionários devem combater a influência da religião e nenhuma delas pode se beneficiar de uma indulgência particular, sob o pretexto de que seria especialmente a religião dos “oprimidos”, ou teria um “caráter anti-imperialista”. As massas operárias e as mulheres dos países onde domina a religião muçulmana pagam, particularmente, um pesado tributo à férula religiosa, para um lucro maior das burguesias locais que as exploram e seus aliados imperialistas, do Leste ou do Oeste<sup>11</sup>. Ao mesmo

---

<sup>8</sup> É fácil mostrar uma das bases materiais. Em termos de saldo líquido, desde cerca de 40 anos, não foi criado praticamente mais nenhum emprego exclusivamente masculino, enquanto que aproximadamente quatro milhões de empregos foram criados (durante os assim denominados “trinta gloriosos”, foram criados aproximadamente 2 milhões de empregos). Em 2013, a população empregada era composta de 13,4 milhões de homens e de 12,3 milhões de mulheres. Em 1975, a população ativa era composta de 13,8 milhões de homens e de 8,7 milhões de mulheres. Como a população ativa inclui os desempregados, deve-se deduzi-los para obter a população empregada. A taxa de desemprego médio era de 3,4% em 1975 (2,6% para os homens e 4,7% para as mulheres). Consequentemente, em 1975 a população empregada masculina se elevava a 13,4 milhões. Encontramos mais ou menos esse mesmo número 40 anos depois. Ao mesmo tempo, a população feminina empregada passou de 8,3 milhões para 12,3 milhões. Poderíamos igualmente mostrar que esses empregos (saldo líquido) são de tempo parcial, precários (contrato de trabalho por prazo determinado, trabalho temporário), ou cujos encargos sociais são menores do que a norma, exercidos por um pessoal mais qualificado do que a média e ainda menos bem pagos do que o salário das mulheres, são 20% mais baixos do que o dos homens com a mesma qualificação. Com todo respeito às feministas, houve substituição de homens por mulheres.

<sup>9</sup> Um exemplo extremo é o de Rachida Dati, antigo ministro da justiça cujos dois irmãos passaram um tempo presos.

<sup>10</sup> E antigos. “É muito bom que haja franceses amarelos, franceses negros, franceses pardos. Eles mostram que a França está aberta a todas as raças e que ela tem uma vocação universal. Mas, com a condição de que permaneçam como uma pequena minoria. Senão a França não seria mais a França. Somos, na realidade e antes de tudo, um povo europeu de raça branca, de cultura grega e latina, e de religião cristã. Que não se conte mais histórias! Vocês foram ver os muçulmanos? Vocês os viram com seus turbantes e seus djellabas? Vocês viram bem que eles não são franceses. Os que pregam a integração têm um cérebro de passarinho, mesmo se forem muito inteligentes. Tentem misturar óleo com vinagre. Agitem a garrafa. Ao final de um tempo eles se separarão novamente.” (Charles de Gaulle)

<sup>11</sup> Esta situação está longe de ser recente. “A religião muçulmana encontra suas raízes no comunismo religioso, segundo o qual nenhum homem pode ser proprietário e todas as instituições religiosas devem ter como preocupação principal cuidar dos órfãos e dos indigentes. No entanto, os princípios religiosos não salvaram os camponeses da servidão nem impediram a apropriação das terras pelos proprietários fundiários e déspotas. Gradualmente, esses princípios foram modificados em proveito das classes

tempo, o partido revolucionário defende a liberdade de consciência, defende a liberdade religiosa e não combate a religião da mesma maneira que o anticlericalismo burguês ou o anarquismo. Ele evita as formas que poderiam criar um elemento de divisão do proletariado e destaca a luta social, a luta de classe contra a burguesia, a fim de permitir, no movimento, a superação das divisões e dirigir o proletariado para a conquista do poder político. Ao passo que, de um lado, a burguesia bem-pensante “conclama” os muçulmanos da França a se “dessolidarizarem” com a fração terrorista e suas ações, contribuindo para estigmatizar os fiéis e jogando lenha na fogueira na relação com uma religião que seria, na sua essência, “suspeita” (sendo assim, o cristianismo, entre as cruzadas, a inquisição, as fogueiras, as guerras de religião, a benção de todas as indecências coloniais e a fêrula brandida nas cidades e nos campos contra toda forma de crítica, poderia reivindicar o primeiro lugar<sup>12</sup>). De outro lado, os imãs em busca de notoriedade e os representantes desta religião particular procuram aí um reconhecimento oficial para desempenharem melhor seu papel de cães de guarda e colocarem um abafador em toda tentativa de revolta que viria dos proletários, cuja identidade é reduzida ao estatuto único de “muçulmanos”.

As frações dominantes da burguesia desejam tanto a manutenção como o desenvolvimento de uma religião capaz de manter sua dominação, oferecendo particularmente o paraíso como consolação às desgraças daqui debaixo e abafando toda veleidade revolucionária. Ao mesmo tempo, elas querem que essa religião se adapte às leis de sua república (por exemplo, no que diz respeito à questão da poligamia ou da herança desfavorável às mulheres, leis, por exemplo, que vigoram na Argélia em conformidade com certa leitura do Corão), que levem em consideração o passado e a paisagem arquitetônica (sem lugares de culto<sup>13</sup> dominadores – os minaretes, o chamamento à oração) até mesmo o caráter nacional (extinção dos signos de pertinência mais ostensivos, que particularmente levou à lei de proibição do véu na escola), a fim de acompanhar o movimento de secularização e de assimilação que é também tão real ou mesmo mais vasto que a tendência ao

---

dirigentes. A terra, livre e pertencente somente a Alá, foi inicialmente declarada como pertencente aos sultões e aos xás, e em seguida tornou-se propriedade dos feudais e capitalistas.

As terras waqf [terras de doação religiosa, que segundo o Islã são inalienáveis – NDR] que haviam sido doadas às mesquitas e ao clero, a fim de que suas rendas pudessem dar suporte a instituições de caridade de utilidade para o povo, perderam gradualmente suas funções originais e tornaram-se terras pertencentes ao clero e a pessoas privadas. Ao invés de ser utilizada para o benefício dos pobres, a renda delas foi usurpada pelos dirigentes seculares e eclesiásticos – parasitas que usaram essas terras meramente para explorar os camponeses pobres.

O camponês, um homem livre segundo a sharia, foi reduzido gradualmente à condição de escravo, tanto pela coerção direta por parte dos khans e beis, como pelo constrangimento econômico baseado na apropriação das terras pelos proprietários fundiários.” (Extrato do relatório de A.E. Skachko, secretário da IC para o Leste, na 6ª sessão do Congresso de Baku dedicada à questão agrária, em 6 de setembro de 1920)

<sup>12</sup> Em 2011, o cristão fundamentalista norueguês Breivik, crítico de uma Igreja protestante afastada de seus “valores tradicionais”, hostil à “islamização da Europa” e inimigo do marxismo, matou 77 pessoas em um atentado a bomba e depois assassinou 69 social-democratas, na maioria, jovens, sem que ninguém “conclamasse” os cristãos a se desculparem. Ele considerava que: “Se a Europa do Oeste e os Estados-Unidos tivessem aprisionado todos os marxistas depois da Segunda guerra mundial, e tivessem considerado a ideologia marxista como tão odienta quanto o nazismo, não estaríamos nessa situação [isto é, na islamização da Europa – NDR].”

<sup>13</sup> Com a dificuldade decorrente da lei de 1905, os lugares de culto muçulmano estão, em princípio, integralmente a cargo dos fiéis, enquanto que a manutenção das igrejas está a cargo da nação. Como ela fez no caso da catedral de Evry, a burguesia, em vez de enfrentar diretamente a questão, embora ela também ocorra aqui, toma vários vieses hipócritas para contornar a lei e ajudar o financiamento dos lugares de culto, terreno sobre o qual ela concorre igualmente com certos países, como a Arábia Saudita ou o Qatar, que buscam deste modo ampliar sua influência.

comunitarismo<sup>14</sup>. Vários pontos, mais do que espinhosos, ainda subsistem como o ritual do abate e seus cortejos, os calendários de feriados, ...

Enfim, é preciso se precaver de identificar muçulmano com proletário, imigrante<sup>15</sup> com muçulmano, imigrante com proletário, na medida em que, de um lado, os recém-chegados não provêm necessariamente nem desta classe social, nem desta religião, e que no interior das populações de tradição muçulmana emerge uma classe média moderna<sup>16</sup> e uma burguesia. Uma das grandes forças da sociedade burguesa é a de permitir aos mais laboriosos, aos mais empreendedores, aos mais estudiosos, aos mais sábios, aos mais corajosos, aos mais inteligentes, aos mais talentosos, aos mais afortunados, aos mais bonitos, etc., que se tornem membros da classe dominante ou de seus servidores mais bem favorecidos. Mas o que a burguesia chama de “meritocracia” não pode ser aplicado, de modo algum, à classe considerada no seu conjunto. Ao lado do exemplo do imigrante “integrado”, ou do proletário “da gema” que saiu do proletariado, subsiste necessariamente uma classe proletária, ela própria em evolução, presa à corrente da exploração e submetida a todas as vicissitudes da sociedade burguesa como carne para a mais-valia e como bucha de canhão. Enfim, todo francês ou estrangeiro originário (em certa medida) de uma região onde domina o Islã não é necessariamente muçulmano<sup>17</sup>. Além do fato de que alguns se convertem ao cristianismo (10% dos batismos), uma parte rompeu ou é suscetível de romper com a religião, até mesmo abraçar o socialismo internacionalista.

---

<sup>14</sup> Pode-se medi-lo, por exemplo, pelo recuo dos casamentos forçados, pelos nascimentos “mistos” e pela polarização da segregação dos bairros. Quanto aos casamentos forçados, eles só não recuam no caso dos turcos, nos quais há uma tendência à polarização dos extremos: a progressão simultânea do casamento forçado e da concubinação. Quanto aos nascimentos “mistos”, isto é, o nascimento em que um dos pais nasceu no estrangeiro e outro na França, eles somam aproximadamente 100.000 nascimentos sobre mais do que 800.000. O essencial do aumento dos nascimentos deve-se ao fato de uma natalidade decorrente ou dessa mistura – com um pai ou uma mãe nascido fora da união europeia - ou dos nascimentos de pai e mãe nascidos fora da união europeia, os quais também totalizam aproximadamente 100.000. Quanto à polarização da segregação dos bairros, a política da cidade definiu 751 “zonas urbanas sensíveis” (ZUS), que agrupam aproximadamente 5 milhões de pessoas. No interior delas, 100 bairros de mais de 8500 pessoas, representando entre 1,5 a 2 milhões de habitantes são classificados como “zonas francas urbanas” (ZFU). Nessas zonas a população imigrante (cuja maioria é uma mescla de várias origens) e ainda mais contundentemente nas zonas francas que conjugam moradias degradadas e capacidades fiscais comunais limitadas, há uma grande taxa de desemprego e de empregos precários. Nas zonas francas, a imigração africana, em especial a magrebina, e seus descendentes representa a maioria relativa. Entretanto, cerca de ¾ dos imigrantes dessa origem não vivem nesses bairros e essa porcentagem cresce para seus descendentes, etc.

<sup>15</sup> O conceito de imigrante, criação relativamente recente na estatística, é definido como uma pessoa residente na França e nascido no exterior de país estrangeiros. A pessoa permanece nessa categoria estatística por toda a sua vida, mesmo se ela adquire a nacionalidade francesa (aproximadamente 100.000 pessoas obtêm a aquisição de nacionalidade na sua maioria, cerca de 50% dos casos, por naturalização). Segundo o INSEE, há atualmente na França 5,6 milhões de imigrantes (cerca de 3,9 milhões em 1975), dos quais aproximadamente a metade adquiriu a nacionalidade francesa. Essa população é composta por várias gerações, nacionalidades de origem, religiões. A maioria dos imigrantes são doravante mulheres. Elas representam mais de 2/3 do crescimento da população imigrada. Os imigrantes nascidos em um país da África ou na Turquia representam quase a metade dos imigrantes e 40% deles vivem na região parisiense. Não se deve também esquecer que os imigrantes podem partir para outro país ou morrer. Quanto à sua descendência direta, seus filhos, a “segunda geração”, que provoca debates ridículos na medida em que esquecem que as crianças em questão originaram-se de diversas bagas de imigração de origens distintas e podem ter todas as idades, eles são da ordem de 7 milhões (2/3 dos quais têm mais de 18 anos). Essa “categoria” (imigrantes e descendência) representa mais de ¼ da população em idade de trabalhar.

<sup>16</sup> Um bom exemplo é dado pelo manifesto publicado no “Le Monde” de 11 de janeiro de 2015, em que várias centenas de signatários assumem a causa contra os assassinos e “ao lado da liberdade”.

<sup>17</sup> O que fez com que o escritor berbere (termo que ele recusava) argelino, Kateb Yacine, dissesse que ele não era nem árabe, nem muçulmano.

*Segunda armadilha:* esquecer que a luta pela emancipação da humanidade passa por uma crítica radical da religião, o que não significa uma estigmatização ou uma perseguição dos fiéis, nem o fechamento dos locais de culto, mas uma transformação radical das condições de vida que torna supérfluo o recurso ao “bálsamo” que representa a religião para a “criatura oprimida” (Marx). Mas não se deve ter o pretexto da luta contra a religião para desviar a luta contra a burguesia e a conquista do poder político, dividindo os proletários. Na sua ação imediata, o partido proletário (hoje inexistente) exige por toda parte uma separação nítida da Igreja e do Estado (o que na França significa, particularmente, a colocação em xeque das vantagens que dispõem certas religiões, a começar pela religião majoritária: a religião católica – exemplo, a concordata na Alsace-Moselle).

### ***A defesa da democracia***

O alvo constituído por um jornal<sup>18</sup> e caricaturistas levou uma burguesia e uma pequena-burguesia a babar bons sentimentos para defender a “liberdade de imprensa” e a “liberdade de expressão”.

O partido do proletariado defende a mais ampla liberdade de expressão, mas ele não conta em nenhum caso com a democracia burguesa, com o Estado burguês para garanti-la. Ele sabe que a burguesia é o principal liberticida. Ele sabe que ela somente tolera a liberdade de expressão quando esta não ameaça seu próprio poder e que ela está pronta para cortar e suspender as liberdades públicas e individuais desde que se sinta ameaçada.

Na França, depois do final da segunda guerra mundial, no quadro restaurado da república democrática, a burguesia não parou de ameaçar a liberdade de imprensa ou de associação, dispondo de todo um arsenal de leis. Por exemplo, as assim chamadas “leis memoriais”<sup>19</sup> ou as que tomam o pretexto do antirracismo para proibir certas expressões políticas ou teóricas, até mesmo a simples expressão dos fatos.

Ao final de 2014, o reforço das leis antiterroristas aumentou ainda mais as possibilidades de amordaçar qualquer expressão pela introdução de uma forma de delito de opinião<sup>20</sup>. A censura à “apologia do terrorismo” pôde ser suficientemente vaga e ampla para levar à cadeia por dois anos os partidários de movimentos que, considerando as práticas tanto das revoluções (burguesas, em primeiro lugar) como das contrarrevoluções (terror branco), reconheceriam a necessidade de se preparar para eventualidades tais como a de decapitar reis (revolução inglesa, francesa), de enfrentar a contrarrevolução com uma política empregando o terror (revolução francesa, revolução russa), de fuzilar bispos reféns (Comuna de Paris) ou czares (revolução russa). Tanto esses fenômenos inerentes a qualquer revolução quanto a propaganda revolucionária que conclama assumir a direção

---

<sup>18</sup> Note-se que o ex-diretor do dito jornal tinha, ele próprio, demitido abusivamente o caricaturista Siné por causa de “antissemitismo” e depois, no France-Inter, os humoristas Stéphane Guillon e Didier Porte. Eis aí um bom testemunho da hipocrisia que preside essa defesa chorona da “liberdade de expressão”.

<sup>19</sup> Uma “lei memorial” (*loi mémorielle*) é uma lei que declara, ou mesmo impõe, o ponto de vista oficial de um Estado sobre acontecimentos históricos. No limite, tal lei pode proibir a expressão de outros pontos de vista. Por exemplo, a lei que visa reprimir a contestação da existência de genocídios reconhecidos por lei, como a de 2012 na França visando o genocídio armênio. Ela provocou a cólera da Turquia, cujo primeiro-ministro Recep Tayyip Erdoğan denunciou-a como uma lei “discriminatória” e “racista” (Cf. Wikipedia).

<sup>20</sup> O sinistro Dieudonné (comediante francês acusado de racismo) há muito tempo perseguido pelo governo, acaba de ser a primeira vítima por causa de uma piada duvidosa, provocadora e ambígua como é de seu hábito. Ele foi rapidamente seguido pelo protesto de alunos que, ao se recusarem solidarizar com o minuto de silêncio decretado nos estabelecimentos escolares, assumiram uma atitude que lhes fizeram cair sob o peso da lei.

dessas ações<sup>21</sup>, assim como todos os manuais de história que justificam mais ou menos a necessidade ou a utilidade dessas medidas, ou ainda certas passagens da constituição de 1793, caem todos, evidentemente, sob a acusação da “apologia ao terrorismo”.

Ora, a burguesia é justamente aquela que nunca hesitou em utilizar os meios de uma barbárie inominável e o terrorismo mais implacável, seja da perspectiva revolucionária, conservadora ou contrarrevolucionária. É justamente ela que não recuou diante do extermínio de grupos inteiros de população<sup>22</sup>. É justamente nos países signatários da declaração universal dos direitos do homem onde jamais se hesitou em praticar a intimidação, a tortura e o assassinato. Mais ainda, a burguesia mostrou-se aí como cúmplice, ou mesmo como participante ativo, dos massacres e outros extermínios que enlutam regularmente o planeta.

*Terceira armadilha:* Ao mesmo tempo em que defende o quadro de uma república democrática no caso de ele ser derrubado (tendo a burguesia como o principal suspeito), o proletariado não deve renunciar à crítica da hipocrisia da burguesia que somente apoia a liberdade de expressão e, em particular, a liberdade de imprensa se elas não ameaçarem (qualquer que seja a forma) seus privilégios e sua dominação. O proletariado deve, portanto, reivindicar a maior extensão possível das liberdades públicas e individuais, e exigir a revogação de todas as leis liberticidas a fim de obter a maior liberdade de movimento e de expressão. Ele deve se constituir em partido político independente e oposto aos outros partidos.

### ***O veneno do racismo e do nacionalismo***

Não se combate os preconceitos raciais com bons sentimentos nem com posições teóricas. Eles estão profundamente enterrados na materialidade da vida social e só são **superados**, antes de desaparecerem, na dinâmica de acontecimentos históricos suficientemente importantes para fundir o sentimento das diferenças culturais e éticas. Os combatentes da Comuna abriram “todos os braços” (Marx) aos estrangeiros<sup>23</sup>, mas uma parte dos banidos e deportados – com a notável exceção de Louise Michel, “a caledoniana” – combateram em seguida ao lado da polícia para esmagar as revoltas dos Caledônios.

---

<sup>21</sup> “Longe de se opor aos pretensos excessos, aos exemplos de vingança popular contra indivíduos execráveis ou edifícios públicos aos quais se prendem lembranças odiosas, é preciso não apenas tolerar estes exemplos, mas também assumir a própria direção deles.” (Marx, Mensagem à Liga dos Comunistas)

<sup>22</sup> Depois da segunda guerra mundial, a burguesia introduziu no direito burguês o conceito de genocídio cujo artigo de inculpação pode ser aplicado ao partido do proletariado, pois ele admite que possa reprimir os adversários na base de considerações sociais, na base de diferenças de classes, embora tenha sido o próprio Babeuf, o representante do primeiro “partido comunista atuante”, que denunciou particularmente um dos primeiros “populicídios”, para retomar sua expressão, da era moderna: o que foi realizado pelo panteão revolucionário contra a Vendée.

<sup>23</sup> “O Segundo Império fora o jubileu da vigarice cosmopolita. Velhacos de todos os países acorreram ao chamado para tomar parte em suas orgias e na pilhagem do povo francês. Ainda hoje o braço direito de Thiers é Ganesco, o valáquio asqueroso, e seu braço esquerdo Markovski, o espião russo. A Comuna concedeu a todos os estrangeiros a honra de morrer por uma causa imortal. Entre a guerra externa perdida por sua traição e a guerra civil fomentada por sua conspiração com o invasor estrangeiro, a burguesia achara tempo para exibir seu patriotismo organizando batidas policiais contra os alemães residentes na França. A Comuna nomeou um operário alemão seu ministro do Trabalho. Thiers, a burguesia e o Segundo Império haviam por todo o tempo enganado a Polônia com espalhafatosas declarações de simpatia, quando na verdade traíam-na aos interesses da Rússia, fazendo para esta o serviço sujo. A Comuna honrou os heroicos filhos da Polônia colocando-os na vanguarda dos defensores de Paris. E, para marcar claramente a nova era histórica que estava consciente de inaugurar, ela jogou por terra, ante os olhos dos conquistadores prussianos, de um lado, e do exército bonapartista comandado por generais bonapartistas, de outro, aquele símbolo colossal da glória bélica, a Coluna Vendôme.” (Marx, A guerra civil na França)

A reprodução da espécie<sup>24</sup> é um componente da base material das sociedades. As evoluções da demografia constituem um elemento que deve ser considerado para compreender as evoluções da sociedade. A raça branca que domina o mundo – e nesta qualidade ela é identificada globalmente à expansão capitalista, à dominação colonial e imperialista – está em declínio na escala mundial<sup>25</sup>. Na Europa, além dos efeitos do prolongamento da expectativa de vida, o crescimento da população decorre principalmente dos aportes das populações não europeias, não brancas, e de seus descendentes. O marxismo nunca negou que existisse um caráter nacional (ademais, não necessariamente idêntico de uma classe a outra), nem que o da nação de acolhimento fosse idêntico ao de uma população imigrante. Como decorrência de seus diferentes números, histórias e contextos de imigração, origens sociais no seio das nações de onde partiram, estruturas de parentesco, religiões, culturas e normalmente línguas, a inserção das populações imigrantes é sempre fonte de tensões, pois seus papéis sociais irão colocá-las em concorrência com os membros das outras classes da população.

Marx e Engels mostraram através do caso clássico da Irlanda, a nação que conheceu a maior taxa de emigração no mundo, e da Inglaterra, os efeitos da imigração sobre o proletariado. Juntando-se ao exército de reserva industrial, os imigrantes não apenas pressionam o salário dos operários de mesma qualificação, como podem forçar a queda<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> “De acordo com a concepção materialista, o fator decisivo na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida imediata. Mas essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado, a produção dos meios de existência, de produtos alimentícios, habitação, e instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie.” (Engels, A Origem da família, da propriedade privada e do Estado)

<sup>25</sup> Foram os países capitalistas mais desenvolvidos que iniciaram a revolução demográfica do século XVIII, em particular fazendo com que o nível da mortalidade recuasse. Com atraso, a natalidade diminuiu em seguida nivelando-se com a mortalidade: o número de crianças por mulher caiu ao nível da taxa necessária para renovar as gerações. Entre os dois movimentos, o aumento da população foi considerável, tendo sido igualmente favorecido pelo aumento da expectativa de vida; foi a maior revolução demográfica desde o neolítico. Na Europa ela foi multiplicada por 4 em dois séculos. Doravante, a União europeia encontra-se abaixo do limite de renovação de gerações, assim como a maioria dos países onde o modo de produção capitalista é mais desenvolvido, portanto além do povoamento branco propriamente dito. Por exemplo, a diminuição da população no Japão, onde a taxa de renovação é de 1,3 crianças por mulher e há a limitação da imigração. Esse também é o caso da Alemanha, apesar de uma forte imigração. Mas esse movimento ganha todo o mundo e, a partir de agora, mais da metade da humanidade vive em países que estão abaixo do limite da renovação das gerações (é o caso, por exemplo, do Irã, da Tunísia, da Turquia). Os demógrafos estimam que a população atingirá um apogeu de aproximadamente 9 bilhões de indivíduos por volta de 2060.

<sup>26</sup> Florilégio que faz urrar o pequeno-burguês politicamente correto: “Essas pessoas [os irlandeses – NDR], que cresceram quase sem conhecer os benefícios da civilização, habituadas desde a infância a privações de toda a sorte, brutais, alcoólatras, pouco se importando com o futuro, chegam trazendo os seus costumes grosseiros para o seio de uma classe da população inglesa que, na verdade, não conta com nenhum estímulo para inclinar-se à cultura e à moralidade.” (...) “As piores habitações são, para eles, boas; não se preocupam com suas roupas, por mais esfarrapadas que estejam; desconhecem o uso de sapatos; as batatas constituem seu único alimento; o que sobra do que ganham, gastam em bebida. Por que essa gente precisaria de um salário alto? Em todas as grandes cidades, os irlandeses vivem nos piores bairros – onde quer que um bairro se distinga particularmente pela sujeira e pela ruína, pode-se ter a certeza de encontrar sobretudo esses rostos celtas, que à primeira vista se diferenciam das fisionomias saxônicas nativas, e de ouvir a cantilena dialetal e aspirada, com o sotaque que o verdadeiro irlandês nunca perde. Inúmeras vezes aconteceu-me ouvir falar o céltico-irlandês nos bairros mais populosos de Manchester. A maior parte das famílias que moram nos porões é, quase sempre, de origem irlandesa. Em resumo, como observa o doutor Kay, os irlandeses descobriram o que é o mínimo de necessidades vitais e o vão ensinando aos operários ingleses. Trouxeram consigo a falta de higiene e o alcoolismo. No que diz respeito à falta de higiene, que se tornou, entre os irlandeses, uma espécie de segunda natureza, ela não é tão deletéria nos campos, nos quais a população vive esparsa, mas é terrível e perigosa nas grandes concentrações urbanas. Tal como se habituou a fazer em sua terra, o *milesiano* joga todo o

dos constituintes da força de trabalho quando se consideram os hábitos sociais de seu país de origem, não apenas no preço como no valor da força de trabalho por causa da diminuição do novo padrão de vida<sup>27</sup>. Ao contrário das justificativas das boas almas das classes superiores que se beneficiam de serviços mais baratos, a imigração não é, portanto, devida ao fato de que os proletários autóctones não gostariam mais de fazer o trabalho que doravante é confiado à fração imigrante, mas a que eles torcem o nariz para aceitar as condições sociais que lhes são propostas diante da concorrência que lhes puxa para baixo.

Não há a menor xenofobia em Engels. Ele, que vivia com uma operária irlandesa, sempre defendeu o caráter nacional irlandês quando julga que ele foi deformado<sup>28</sup> e mostrou que são as condições sociais que condicionam completamente a existência de certos males

---

lixo e a sujeira diante de sua porta, provocando a formação de charcos e de montes de detritos que tornam imundos os bairros operários e irrespirável o ar. Como em sua terra, instala a pocilga ao lado da casa e, se não pode fazê-lo, instala o porco no lugar onde dorme. Essa maneira nova e anormal de criar esse animal nas grandes cidades é de origem exclusivamente irlandesa; o porco está para o irlandês assim como o cavalo está para o árabe, com a diferença de que o *milesiano* vende o animal quando está gordo a ponto de ser abatido; quanto ao resto, dorme e come com ele, seus filhos brincam com ele, montam-no e espojam-se com ele no lixo, como se pode verificar em todas as grandes cidades inglesas. E não é possível imaginar a sujeira e o desconforto que reinam no interior de sua casa. O irlandês não se acostumou a ter móveis: um monte de palha, alguns trapos completamente inúteis como roupas, eis a sua cama. Pedacos de madeira, uma cadeira quebrada e um velho caixote como mesa lhe bastam; uma chaleira, poucas panelas e tigelas de barro equipam a cozinha, que serve simultaneamente de sala de jantar e de quarto de dormir. Quando falta o combustível para o aquecimento, queima o que tiver à mão: caixas, batentes de portas e, supondo que existam, cadeiras e assoalho. Por outro lado, por que precisaria de mais espaço? Em seu país, seu casebre de palha e argila oferecia uma única peça, que bastava para todas as necessidades familiares; na Inglaterra, também um só cômodo as atende – assim, esse amontoado de pessoas num compartimento único, agora tão difundido, foi introduzido principalmente pela imigração irlandesa.

Um pobre diabo como esse deve experimentar pelo menos um prazer qualquer; a sociedade o excluiu de todos, exceto um – o de ir beber aguardente à taberna. Para o irlandês, a aguardente é a única coisa que torna a vida digna de ser vivida; a aguardente e, claro, seu temperamento desleixado e jovial; eis por que se entrega à bebida até a mais completa embriaguez. Tudo, no irlandês, favorece o alcoolismo: seu caráter meridional, frívolo, sua grosseria, que o situa quase ao nível de um selvagem, seu desprezo pelos prazeres mais elevados, que não sabe apreciar em função de sua rudeza, a falta de higiene e a miséria. A tentação é muito forte, ele não resiste e bebe todo o dinheiro que ganha.” (Engels, A situação da classe trabalhadora na Inglaterra)

<sup>27</sup> “É contra esse concorrente que é obrigado a competir o operário inglês: um concorrente que ocupa o lugar mais baixo da escala social que pode existir num país civilizado e que, por isso, contenta-se com um salário inferior ao de qualquer outro trabalhador. Por isso, é inevitável, como Carlyle observou, que o salário do trabalhador inglês seja sempre mais reduzido em todos os setores em que o irlandês possa concorrer com ele.” (...) “Mas em qualquer trabalho simples, menos preciso, que requeira mais força que habilidade, o irlandês é tão bom quanto o inglês. Por isso, justamente tais setores de trabalho foram invadidos pelos irlandeses, que se tornaram sobretudo tecelões manuais, serventes de pedreiro, carregadores, *jobbers* etc. e essa invasão contribuiu muito para reduzir os salários e aviltar o nível de vida dos trabalhadores.

Contudo, mesmo os irlandeses que se inseriram em outros tipos de trabalho e foram obrigados a civilizar-se carregam ainda as marcas de seu modo de vida anterior, exercendo sobre seus companheiros de trabalho ingleses uma influência degradante (sem falar da influência dos próprios círculos irlandeses). Com efeito, se considerarmos que, em cada grande cidade, um quinto ou um quarto dos operários são irlandeses, ou filhos de irlandeses que cresceram na sujeira irlandesa, não haverá razão para espanto quando verificarmos que, na existência do conjunto da classe operária – em seus costumes, em seu nível intelectual e moral, em suas características gerais –, estão assimilados muitos componentes irlandeses. E poderemos compreender como a indigna situação dos trabalhadores ingleses, gerada pela indústria moderna e suas consequências imediatas, foi ainda mais degradada pela concorrência irlandesa.” (Engels, A situação da classe trabalhadora na Inglaterra)

<sup>28</sup> “Em tudo a razão assiste a Carlyle, exceto no que diz respeito à condenação exagerada e unilateral do caráter nacional dos irlandeses.” (Engels, A situação da classe trabalhadora na Inglaterra)

como, por exemplo, o alcoolismo<sup>29</sup>. Após ter mostrado todos os males sofridos pelo proletariado e os efeitos sobre seu comportamento social (saúde ameaçada, habitações degradadas, alimentação de má qualidade, educação insuficiente, influência nefasta da Igreja, ausência de instrução, frouxa moralidade, grande mortalidade infantil, redução da expectativa de vida, efeitos das grandes cidades e dos maus exemplos: alcoolismo, criminalidade, trabalho fatigante sem interesse, etc.), ele defende as duas frações do proletariado convocando-os à sua unidade<sup>30</sup>.

O marxismo também não nega que a delinquência e a criminalidade mantêm uma relação não com a imigração em geral, mas com **a existência do proletariado**<sup>31</sup>. São as condições sociais que estão na base delas. Se os imigrantes e seus descendentes diretos estão presentes nas camadas mais inferiores, por causa disto eles estarão super-representados nos delitos e nos crimes. Do mesmo modo, a classe capitalista está super-representada nos abusos dos bens sociais, na fraude fiscal, nas grandes trapanças financeiras, nas fraudes do imposto de circulação de mercadorias e nos pagamentos das contribuições sociais, cujos montantes envolvidos e graus de impunidade não têm comparação com o montante dos roubos e assaltos, e com a repressão que se abate sobre as classes mais pobres.

---

<sup>29</sup> “Como pode a sociedade – que o relega a uma situação em que se tornará alcoólatra quase por necessidade, deixa-o embrutecer-se e não se preocupa com ele – acusá-lo quando, de fato, ele se torna um bêbado?”

(...) “Nesse caso, o alcoolismo deixa de ser um vício de responsabilidade individual; torna-se um fenômeno, uma consequência necessária e inelutável de determinadas circunstâncias que agem sobre um sujeito que – pelo menos no que diz respeito a elas – não possui vontade própria, que se tornou – diante delas – um objeto; aqui, a responsabilidade cabe aos que fizeram do trabalhador um simples objeto.” (Engels, A situação da classe trabalhadora na Inglaterra)

<sup>30</sup> “Outro fator que exerceu enorme influência sobre o caráter do operário inglês foi a imigração irlandesa, de que já falamos. De uma parte, como vimos, ela degradou os operários ingleses, aviltou sua civilidade e agravou sua situação; mas, de outra, colaborou para alargar o fosso entre operários e burgueses e, assim, apressou o andamento da crise que se avizinha. Na verdade, a evolução da doença social que afeta a Inglaterra é semelhante à de uma doença física: desenvolve-se segundo certas leis e tem suas crises, a última das quais, a mais violenta, decide o destino do enfermo. E como a nação inglesa não pode sucumbir à crise final, mas dela deve emergir renovada e regenerada, cabe ver como positivo tudo que agrava a doença. Nesse sentido opera aquela imigração, que traz para a Inglaterra e para sua classe operária o caráter apaixonado e vivaz dos irlandeses. Sob muitos aspectos, os irlandeses relacionam-se com os ingleses assim como os franceses com os alemães e a mescla do temperamento irlandês, mais leve, mais emotivo, mais caloroso, com o temperamento inglês, tranquilo, perseverante, refletido, há de ser, a longo prazo, proveitosa para as duas partes. O egoísmo brutal da burguesia inglesa estaria muito mais enraizado na classe operária se o caráter irlandês, generoso ao limite da abnegação, fortemente dominado pelos sentimentos, não atenuasse, seja pela mistura de raças, seja pelas relações cotidianas, o caráter inglês, frio e racional. Tudo isto posto, não nos surpreenderá constatar que, a pouco e pouco, a classe operária inglesa tornou-se um povo completamente diferente da burguesia inglesa. A burguesia tem mais afinidade com todas as nações da Terra do que com os operários que vivem a seu lado. Os operários falam uma língua diferente, têm outras ideias e convicções, outros costumes e outros princípios morais, outra religião e outra política, diferentes das da burguesia. São dois povos em tudo diferentes e tanto que parecem de raças diversas. No continente, até hoje só um é conhecido: a burguesia – e, contudo, é o outro, constituído pelo proletariado, o mais importante para o futuro da Inglaterra.” (Engels, A situação da classe trabalhadora na Inglaterra)

<sup>31</sup> “O desprezo pela ordem social manifesta-se com a maior clareza em sua mais extrema expressão, o crime. Quando as causas que concorrem para degradar moralmente o operário atuam com mais força e impacto do que de hábito, é tão certo ele tornar-se um criminoso como é certo que a água passa do estado líquido ao gasoso se aquecida a 80° Réaumur [100° C – NDR]. Sob a ação brutal e embrutecedora da burguesia, o operário transforma-se numa coisa tão desprovida de vontade como a água e, como esta, submetete-se às leis da natureza com a mesma inevitabilidade – num certo ponto, qualquer liberdade, para ele, deixa de existir. É por isso que, na Inglaterra, a criminalidade aumentou em paralelo ao aumento do proletariado e hoje, no mundo, a nação inglesa detém o primado da delinquência.” (...) “As mesmas estatísticas demonstram que, para quase todos os crimes cometidos, deve-se procurar a autoria entre o proletariado.” (Engels, A situação da classe trabalhadora na Inglaterra)

Criando duas nações rivais no interior do proletariado, em que uma se posa como aristocrata da outra ou das outras, reduz-se o proletariado à impotência para o melhor proveito das classes dirigentes que mantêm permanentemente a concorrência entre elas<sup>32</sup>. Essa situação de tensão racial permanente é uma arma sempre utilizada para opor entre elas as frações da classe explorada, segundo a velha comodidade do bode-expiatório.

Não é o antirracismo que pode nos animar, mas o **internacionalismo**. Este não nega que existam nações, etnias, raças, ele trabalha para superar as clivagens unificando a espécie para além de suas diferenças (e não as negando). O internacionalismo sabe que a principal clivagem que serve para reforçar os preconceitos racistas é a divisão da sociedade em classes, ele luta para a abolição das classes e, portanto, para a unificação do proletariado na escala internacional, a fim de que uma revolução mundial possa acabar com os aparelhos do Estado, a economia mercantil, o salariado e todas as condições da exploração. Uma vez desaparecida a exploração, estarão dadas as condições para que os homens e as mulheres de todas as cores e condições físicas se reconheçam e se mesquem.

Na espera disso, as condições dessa unificação são criadas pela condução das lutas em que o inimigo comum está bem identificado em termos de classes, em termos políticos (os burgueses e seus Estados, de todas as cores).

*Quarta armadilha:* designar o inimigo em função de suas origens, de sua cor de pele, de sua cultura, de sua religião e não de sua posição de classe na escala da sociedade. Somente pela criação de um partido comunista internacional é que a ação do proletariado poderá acabar com a sociedade burguesa e as taras que a acompanham.

### ***Contra todas as ameaças armadas***

Falando rapidamente, se ocorre aos comunistas internacionalistas dizerem-se ateus, esta demarcação é de fato insuficiente. Tal caracterização, pela negativa, origina-se principalmente nas frações de livre-pensamento, anticlericais e racionalistas da burguesia, e não do materialismo comunista. Este último procura mostrar a base material da religião e não se baseia em nada na “razão”, mas na mudança da sociedade que coloca um fim na sua

---

<sup>32</sup> “Devido à concentração cada vez maior das explorações agrícolas, a Irlanda fornece incessantemente um excedente de mão-de-obra no mercado de trabalho inglês e exerce, por este motivo, uma pressão sobre os salários no sentido de uma degradação das condições materiais e intelectuais da classe operária inglesa.

O mais importante de tudo é que cada centro industrial e comercial da Inglaterra possui agora uma classe operária *dividida* em dois *campos hostis*: os proletários ingleses e os proletários irlandeses. O operário inglês médio detesta o operário irlandês, no qual vê um concorrente que degrada seu nível de vida. Em relação ao operário irlandês, ele se sente membro da nação *dominante* e torna-se assim um instrumento que os aristocratas e capitalistas de seu país utilizam *contra a Irlanda*, reforçando assim a dominação deles sobre ele mesmo. Ele se impregna de preconceitos religiosos, sociais e nacionais contra os trabalhadores irlandeses. Ele se comporta mais ou menos como os brancos pobres em relação aos negros nos antigos Estados escravagistas dos Estados Unidos. O irlandês paga-o de volta com juros na sua própria moeda. Ele vê no operário Inglês tanto um cúmplice como um instrumento estúpido da *dominação inglesa na Irlanda*.

Esse antagonismo é mantido artificialmente e intensificado pela imprensa, o clero e as revistas satíricas, em suma, por todos os meios que as classes dominantes têm disponíveis. *Esse antagonismo é o segredo da impotência da classe operária inglesa*, apesar de sua organização. Esse é o segredo da manutenção do poder da classe capitalista, que tem plena consciência disto.

Mas o mal não para aí. Ele atravessa o Oceano. O antagonismo entre ingleses e irlandeses é a base escondida do conflito entre os Estados Unidos e a Inglaterra. Ele exclui toda a cooperação franca e séria entre as classes operárias desses dois países. Ele permite aos governos dos dois países desarmarem os conflitos sociais brandindo a ameaça do outro e, se for necessário, declarando a guerra entre eles.” (Marx, Carta a S. Meyer e A. Vogt, 9 de abril de 1870)

divisão em classes sociais para que desapareça o fenômeno religioso. O materialismo comunista está, portanto, além da religião, ele é transteísta. Certamente isso absolutamente não o impede de travar uma luta contra a religião, em particular contra a ideologia e a prática das instituições religiosas e do clero, mostrando como eles, na medida em que desempenham um papel político e social, colocam-se como defensores da sociedade burguesa da qual fazem parte.

Por causa de suas posições sobre a religião, sobre a natureza da sociedade, porque defendem, como Fourier, medir o grau de emancipação geral em função do grau de emancipação da mulher e, portanto, exigem uma sociedade em que haja não apenas a igualdade do homem e da mulher, mas uma sociedade na qual isto é posto em primeiro plano, porque seu partido se opõe a todos os outros partidos burgueses, pequeno-burgueses, pseudo-operários, ou mesmo representantes das classes laminadas pela expansão do modo de produção capitalista, os militantes revolucionários são evidentemente inimigos e alvos para os assassinos dos partidos “jihadistas”.

Lembremos que, de agentes de serviço a operários de gráfica, as recentes tomadas de reféns atingiram indistintamente alvos midiáticos – os caricaturistas de Charlie Hebdo – e proletários. Vendo as capacidades de mobilização extremamente rápidas e eficazes das forças de repressão após o dia 7 de janeiro, o proletariado deve saber que também não haverá trégua para ele se ele ousar levantar a cabeça. Mesmo se é certo que o sacrifício de sua própria vida faz parte da trajetória dos assassinos, deve-se constatar que a pena de morte não foi abolida, pois sua prática é inevitável; ela foi transferida da justiça para a polícia. As populações dos subúrbios já se confrontam regularmente com as intervenções musculadas da polícia. As reações do Estado à morte de Rémi Fraisse em outubro de 2014<sup>33</sup> mostraram que a “morte do homem” é, doravante, um risco perfeitamente assumido pelos Estados nas manifestações de rua. Da Grécia à Espanha, à Itália, as repressões da cólera social estão extremamente vivas e o Estado está totalmente pronto para subir o tom desde que surja a ameaça de uma sublevação proletária.

A luta contra a burguesia só pode ser levada até o fim no quadro da república democrática: a conquista do poder político pelo proletariado e o exercício de sua ditadura revolucionária, ela mesma fase de transição política para uma sociedade sem classes. A república democrática é uma forma política instável que a burguesia regularmente abandona desde que fique amedrontada com as consequências do desencadeamento da luta das classes. O proletariado deve defender o terreno de luta indispensável à sua vitória ou então conquistá-lo (principalmente nas teocracias islamistas, nas quais a religião é mobilizada para refrear pelo terror qualquer oposição contra as classes dominantes, não apenas proletária, mas também democrática), ou reconquistá-lo se por infelicidade ele o perdeu.

O partido proletário sempre considerou que o melhor meio para assegurar a existência da república democrática é a supressão do exército permanente e o armamento do proletariado. Acrescentemos aqui a luta contra a política imperialista da burguesia.

Hoje, as forças organizadas do proletariado revolucionário estão reduzidas a zero e não há qualquer possibilidade de ação autônoma, estando ele reduzido a ser apenas a ala esquerda da democracia. Contra todas as ameaças que pesam sobre sua capacidade de ação, e nas quais a burguesia figura em primeiro lugar, a única resposta possível consiste na supressão

---

<sup>33</sup> Na madrugada de 26 de outubro de 2014, “Rémi Fraisse, jovem manifestante ecologista de 21 anos, foi morto no local da controversa barragem de Sivens. As análises da mochila e das roupas do manifestante, que mostraram traços de TNT, confirmaram a tese de uma morte devida a uma granada ofensiva lançada pelos policiais”. (Le Monde, 2 de dezembro de 2014)

do exército permanente e no armamento do proletariado, no restabelecimento do serviço militar, a fim de que ele disponha de seus próprios órgãos de combate e de autodefesa, e que possa em todos os lugares, nas empresas, na rua, nos bairros, defender sua vida, sua segurança e a de seus filhos.

*Quinta armadilha:* confiar sua proteção ao poder do Estado e renunciar à possibilidade, hoje ou amanhã, de se defender por seus próprios meios contra todas as ameaças armadas não importa de onde venham.

### ***Contra a unidade nacional***

A pequena-burguesia francesa tem memória curta. Presa às televisões em setembro de 2014 durante a série “Apocalipse”, que mostrava as consequências da união sagrada de 1914: a arregimentação para a morte anunciada de milhões de operários e de camponeses, ela está hoje pronta para desfilar, com velas nas mãos, com todos os componentes da paisagem política (exceto a Frente Nacional) e os chefes de governo de toda a Europa e de mais além, incluindo entre eles os mais reacionários e liberticidas.

Sem serem evidentemente comparáveis, os apelos à união nacional constituem uma vontade de impedir que a crescente cólera social devida à sucessão de crises, à guerra social conduzida por uma burguesia e um patronato arrogantes e embriagados de vingança contra o proletariado, não se transforme em um grande movimento de protesto que pode desembocar numa retomada do combate revolucionário.

A união nacional tem como objetivo virar contra o proletariado as energias, a cólera e a emoção desencadeada pelos atentados, fazendo-o avalizar uma política de segurança reforçada - a política imperialista - e capitalizar esse entusiasmo para avançar mais rapidamente e mais adiante na política social que diminua o salário social (aposentadorias, saúde, desemprego, ...)

A união nacional é **sempre e por toda a parte uma derrota** para o proletariado, pois ela o atrela às correntes do Estado e à burguesia que conduz a dança. No estado de extrema tensão internacional que prevalece hoje e que atinge o coração da Europa (Ucrânia), toda forma de arregimentação feita sob qualquer bandeira burguesa que seja: democracia, tolerância, antifascismo, é uma armadilha mortal.

Pela primeira vez a qualificação de “histórica” aplicada pelos comentaristas à manifestação do dia 11 de janeiro de 2015 não é exagerada. Reunir quase 4 milhões de pessoas em uma demonstração de apoio ao Estado e às suas forças de repressão (quaisquer que sejam as motivações individuais dos participantes que, na mesma ocasião, mostraram sua vontade de uma república democrática que amplie as liberdades) é um desempenho excepcional.

Ao mesmo tempo, esse foi um dia negro para o proletariado revolucionário. O executivo francês, frequentemente caracterizado como molengão, deu um golpe de mestre ao reunir cinquenta chefes de Estado, todos eles comprometidos com políticas anti-operárias drásticas e liberticidas. É preciso ver aí, com toda certeza, um sinal precursor de uma aceleração dos ataques que o Estado burguês francês começou a lançar contra a classe operária numa atmosfera social muito volátil, embora mais suavemente que seus homólogos europeus indubitavelmente por receio das reações proletárias. A fração francesa do capital internacional é obrigada a implantar rapidamente uma série de “reformas” e de ajustes à concorrência internacional, cujo objetivo é o de aumentar a exploração e a submissão do proletariado.

*Sexta armadilha:* deixar-se arrebatar na união nacional pela defesa das “liberdades”, marchar atrás do inimigo de classe ao nome da “reunião nacional”.

Desde que o proletariado possa ter uma expressão autônoma, ele deveria posicionar-se:

- Contra a união nacional e toda ilusão sobre a proteção pelo Estado.
- Pela liberdade total de expressão, de imprensa, de manifestação, de organização e pela revogação das leis liberticidas.
- Contra todas as religiões e a dominação dos aparelhos teocráticos de qualquer natureza; separação radical da Igreja e do Estado.
- Pela supressão do exército permanente e pelo armamento do proletariado e a autodefesa operária.
- Pelo reforço dos órgãos de defesa do proletariado e a constituição de uma internacional comunista, de um partido proletário internacional.

Robin Goodfellow – Janeiro de 2015.